

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajetoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch

<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajetoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>



Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024

<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajetoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch

CAPA

Na polaroid à esquerda,
vestido **Mara Hoffman** na
Pulsa Rio. À direita, look
Isabela Capeto



A BELEZA DO CAOS

APÓS NOVE ANOS SEM EXPOR NO RIO, LEDA CATUNDA ABRE INDIVIDUAL NA CIDADE EM MEIO ÀS COMEMORAÇÕES DOS 40 ANOS DA MOSTRA 'COMO VAI VOCÊ, GERAÇÃO 80?', DA QUAL FOI UMA DAS EXPOENTES

Por EDUARDO VANINI | Fotos BONIN | Edição de moda LUCAS MAGNOF.

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajectoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch



Detalhe da obra
"Caprichosa" (2024).

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024

https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajetoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch



As vésperas de abrir uma nova exposição no Rio, Leda Catunda organiza as franjas de um enorme painel. São camadas e camadas de referências — da marca esportiva Wilson, numa alusão ao personagem do filme “Náufrago”, a uma etiqueta de “feito no Brasil”, apesar dos plásticos holográficos “meio chineses”. “É sobre esse bombardeio de imagens que sofremos e não deixa tempo para lermos nada”, diz a artista, durante uma tarde na Galeria Carpintaria, no Jockey Club Brasileiro. É ali onde está em cartaz, até 5 de outubro, a individual “Paisagem selvagem”, título que aparece também no nome da referida obra. “Tem a ver com consumo, uma ansiedade de ter tudo e mais um pouco, aquilo que o seu vizinho tem e você, não. Dá uma vertigem, né?”

O mesmo painel — ou pintura-objeto, como a artista se refere aos trabalhos — oferece, contudo, uma rota de fuga contra o caos, por meio dos recortes vazados na parte superior. “São portas para outras dimensões”, ela afirma, diante da obra que aparece na foto da página 20 deste ensaio.

Fazia nove anos que Leda não exibia uma individual no Rio, e sua última mostra foi na Itália, no ano passado. “Euforia”, que ocupou a ICA Milano, reverberava, segundo ela, uma espécie de catarse pós-pandemia. “Uma coisa do tipo ‘Sobrevivi!’”, comenta, indicando que, desde então, suas criações foram ganhando cores mais fluorescentes.

Não seria para menos. Atravessar o período de crise sanitária combinada com ataques à cultura por parte do governo da época, ela diz, não foi lá “muito simpático”. “Qual o sentido de termos um cara que fechou o Ministério da Cultura? Não podia deixar isso barato. Então, fiquei ainda mais louca. Queria, no mínimo, ser a estranha. Ainda prefiro ser horrível do que agradável”, comenta a artista, de 63 anos, que viveu períodos turbulentos como a ditadura militar e o governo Collor. “Já estava pronta para ser uma subversiva.”

Se isso acontecesse, não seria a primeira vez que Leda es-

taria envolvida em algo transgressor. A paulistana é uma das expoentes da “Como vai você, Geração 80?”, mostra que reuniu, há exatos 40 anos, 123 artistas na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage e sacudiu a cena cultural brasileira. Um evento capaz de projetar e consolidar nomes como Beatriz Milhazes, Luiz Zerbini, Cristina Canale, Daniel Senise, Leonilson, Barrão e Suzana Queiroga.

Curador da mostra, Marcos Lontra se recorda que, diferentemente de alguns artistas conhecidos a partir da exibição, Leda já era um nome de relevância àquela altura. “O trabalho dela acabou se tornando muito emblemático, porque tinha a coisa dos grandes formatos e materiais industriais e populares, algo que trazia uma conotação interessante”, afirma. “Teve um impacto forte, imediato. Manter-se em destaque é algo difícil, e ela conseguiu fazer isso de maneira espetacular.”

“É uma artista de dimensão global, muito bem representada no Brasil e no exterior”

MAX PERLINGEIRO

DIRETOR DA PINAKOTHEKE CULTURAL

Suas obras estão nos acervos de instituições como The Cleveland Museum of Art e Blanton Museum of Art, nos Estados Unidos, e Museu de Arte de São Paulo e Inhotim, no Brasil. Colecionador da artista, o diretor da Pinakothek Cultural, Max Perlingeiro, afirma que, em geral, quem compra os trabalhos de Leda não se restringe a poucas peças. “É um nome de dimensão global, muito bem representado no Brasil e no exterior, e está sempre em movimento”, elenca. “Metade das coleções que administro tem inúmeras obras dela. Leda tem uma extraordinária reserva de valor e faz parte da constelação de artistas cujas obras chegam a US\$ 100 mil.” ▶

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajectoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch

Camisa Von
Trapp na
Pulsa Rio
e brincos
HStern



Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajectoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch



Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024

<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajectoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch



Detalhe da obra
"Deusa II" (2023)

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajetoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch

Filha da arquiteta e paisagista Vera Catunda Serra, e de Geraldo Serra Gomes, também arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, Leda cursou Artes na Faap e fez sua primeira exposição em 1983, no Museu de Arte Contemporânea da USP. “Lembro-me que, em 1985, já não tinha mais volta. Havia feito uma individual no Rio, participei da ‘Geração 80’ e comecei a expor em muitos países. Fui para o Japão, exibi no Museu de Arte Moderna da França. Meu pai não acreditava”, diverte-se. “Com 22 anos, estava na minha primeira Bienal de São Paulo e, com 24, na segunda.”

Carreira que, segundo ela, reflete também um momento em que arte entrou na moda no Brasil e exigiu muito profissionalismo da turma famosa pelo chamado desbunde. “Nos anos 1970, em Ipanema, que eu frequentava sem ser artista, era a hora do ‘sexo, drogas e rock’n’roll’”, conta. “Mas, nos anos 1980, já não podia ficar tão louca. Tinha muita festa, mas também a coisa de o curador ir na sua casa. Eu era a famosa maconheira, como todo mundo. Porém, sou um pouco sensível, e as outras coisas me derrubavam muito. Então, comecei cedo e parei cedo também. Até voltei a fumar (*maconha*) aos 50 anos, mas parei, porque preciso usar a cabeça. Meu trabalho já é louco o suficiente.”

A maneira focada como administra a carreira tem a ver também com o que viu dentro de casa, sobretudo na postura da mãe, que sempre trabalhou e correu atrás dos objetivos. “Ela tinha o dinheiro dela, fazia as próprias escolhas”, narra, sobre uma educação passada adiante na criação das duas filhas, Lara, de 27 anos, e Rita, de 34, ambas do casamento com o artista Sérgio Romagnolo. “Elas são independentes. Aquele modelo da mulher que casa com o cara rico é a pior ratoeira que pode existir.”

Leda vive, atualmente, com o engenheiro Francisco Antônio (“É maravilhoso porque não falamos só de arte”, observa, em meio a risadas) e mora a poucos metros de seu ateliê, no Morumbi, em São Paulo. No espaço, convive com três assistentes que atuam, principalmente, na parte da manhã, já que ela prefere ficar sozinha durante as tardes. “É importante para que não vire um escritório, o que seria uma chatice total.”

Na capital, também mantém o antigo hábito de fazer incursões à Rua 25 de Março, famoso polo comercial na região central. É de onde vem boa parte da infinidade de materiais usados em suas obras, como lona, algodão, espuma e tecidos. Mas serve também como uma espécie de laboratório para observar o mundo. Em geral, a artista chega por lá às 8h e consegue estacionar o carro na porta de uma de suas lojas favoritas, o que seria impossível poucas horas depois, quando a região vira um formi-

gueiro humano. “É um perfeito liquidificador, e vou pinçando as coisas”, descreve. “Eu me alimento da rua, do visual, das escolhas das pessoas. Gosto de gostar do que estão gostando.”

São situações como o comércio de um peruano que tem “a melhor loja de camisetas de rock” da região. As peças vão do heavy metal a David Bowie e, mais recentemente, começaram a ganhar a companhia de personagens da Marvel. Sintomático quanto ao excesso de informações que tanto a tem inquietado e inspirado. “É algo que trago para o meu trabalho: o desafio contemporâneo de que o gosto muda de segunda para sexta-feira.”

“Cinema”, uma das obras mostradas na Carpintaria, tem bastante a ver com isso. Nela, a artista, que tem a moda entre as fontes de observação, aproveitou camisetas de um de seus assistentes com imagens de filmes cult, como “Lolita” ou “De volta para o futuro”. “São referências do século XX, né?”, diz, sobre as peças fixadas a uma superfície almofadada. “E agora meio que essa narrativa toda já não existe muito, com a coisa do streaming. O jeito de contar história vai mudando.”

“Voltei a fumar (maconha) aos 50, mas parei. Preciso usar a cabeça. Meu trabalho já é louco”

LEDA CATUNDA ARTISTA

O trabalho evidencia também a veia bem-humorada e pop presente na produção da paulistana. O que, como pondera Xico Chaves, um colega da “Geração 80”, não deve ser reduzido a uma emulação da pop art americana. “Ela é uma pessoa muito engraçada e divertida e leva isso para parte das criações”, ele comenta. “Mas tem uma riqueza muito maior do que a mera reprodução. E ela segue experimentando.”

O perfil descrito por Xico continua a chamar atenção de gente ao redor do planeta com faro para novidades. Leda foi convidada para expor, no ano que vem, em Sharjah, nos Emirados Árabes. O chamado veio diretamente da sheikha Hoor Al Qasimi, também diretora artística da Bienal de Sidney, na Austrália. Surpresa com a proposta, a artista diz ter perguntado a Hoor o motivo do convite. A resposta, conta, foi simples e direta: “Você é meio diferente”. E como... e

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajectoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch

Camisa
Glória Coelho
e brincos
Monie, ambos
na **Dona**
Coisa; saia
Uma e
sandálias
acervo
pessoal



A obra "Sete saias" (2024)

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajectoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch



Vestido
Isabela Capeto
e acessórios
Andreas Ferraro
na **Dona Coisa**

Beleza:
Fernanda Suzz.
Assistência
de fotografia:
Lilian Hill.
Assistência
de moda:
Julia Althayde.
Tratamento
de imagem:
Gustavo Donaire.
Produção
executiva:
Kariny Grativol.

Medium
Date
Web address

Print + Web
25.Ago.2024
<https://oglobo.globo.com/ela/gente/noticia/2024/08/25/expoente-da-geracao-80-leda-catunda-revisita-trajectoria-e-abre-individual-no-rio.ghtml>

Publication
Author

Revista Ela | O Globo
Júlia Storch



Detalhe da obra "Ovo" (2024)